

O CAFÉ NA EVOLUÇÃO DE SÃO PAULO.

Ninguém ignora que o café foi o principal fator do desenvolvimento econômico e da prosperidade de São Paulo. Graças ao café, a vida econômica de São Paulo saiu do marasmo em que se mantinha durante o fim do século XVIII e a primeira metade do século XIX e integrou-se, rapidamente, no sistema econômico tropical, com profundas transformações no cenário natural e humano da região. O fenômeno ocorreu com tamanha rapidez, que mesmo os observadores mais argutos acabaram representando o café como um “fator” de povoamento, de enriquecimento e de progresso.

O que se poderia pensar, em nossos dias, do papel desempenhado pelo café na evolução de São Paulo? Depois de várias investigações, que puseram em evidência os aspectos negativos e as conseqüências construtivas de sua exploração e exportação permanentes, seria legítimo manter as ilusões que alimentaram o labor dos pioneiros? Ele, de fato, proporcionou segurança e prosperidade às populações rurais que se dedicaram à sua plantação e colheita? Os fazendeiros, que se beneficiaram com a exportação dos produtos de suas lavouras, foram os agentes diretos ou indiretos da expansão econômica das cidades localizadas nas “zonas cafeeiras”? As técnicas modernas asseguram a revitalização de sua exploração econômica? E’ verdade que o café serviu de fulcro ao nascimento de outras atividades econômicas e continuará a ser o esteio de nosso sistema econômico?

Essas e outras perguntas deveriam ser feitas pelos estudiosos, que pretendessem examinar a importância do café como “fator” histórico-social. Não nos julgamos credenciados a respondê-las: por incrível que pareça, os principais aspectos da chamada “civilização do café” continuam ignorados ou mal conhecidos. Por duas vezes, pelo menos, tentou-se estudar o fenômeno em conjunto, segundo critérios objetivos e sistemáticos. Na primeira, um grupo de especialistas, ligado a um órgão que teve duração efêmera, o **Instituto de Pesquisas Sociológicas**, propôs um plano exaustivo de investigação da “estrutura e organização social das zonas cafeeiras” (êsse projeto de

pesquisa foi publicado pela revista **Sociologia**, 1939, vol. I, n.º 2, págs. 94-101). Na segunda, o prof. Fernando de Azevedo elaborou, em setembro de 1947, um plano sobre “A Civilização do Café em São Paulo: Estudo Sociológico de suas Origens, Estrutura e Mudanças”, que deveria ser desenvolvido, em colaboração, pelos professores e assistentes do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ambos os projetos abortaram, por falta de recursos financeiros, o segundo após a realização de algumas excursões de pesquisas no Vale do Paraíba.

Ainda assim, é possível assinalar alguns traços mais relevantes e gerais da influência do café na evolução de São Paulo. O primeiro deles diz respeito, naturalmente, à inclusão da economia paulista no sistema econômico tropical. O café foi, sem dúvida nenhuma, o produto que permitiu esse processo e deu a São Paulo a posição de principal unidade exportadora do país. Embora se possa sustentar que outros produtos seriam capazes de desempenhar funções análogas, o fato é que as tentativas relacionadas com a exploração do algodão, da cana de açúcar, do chá, etc., foram empreendidas sem sucesso prático apreciável. Graças a circunstâncias que não vêm ao caso discutir agora, o café impôs-se como produto tropical que integrou a vida econômica de São Paulo à economia produtiva da nação e à economia internacional.

Todos os demais traços da influência histórico-social do café decorrem dessa situação: como produto básico de nossa economia tropical, êle se projeta como o substrato econômico de todos os processos que marcam a formação e o desenvolvimento de novos estilos de vida em São Paulo. Por isso, é possível associar ao café fenômenos tão diversos como a constituição de uma aristocracia rural semelhante à que existia no norte do país (como ocorreu principalmente no Vale do Paraíba); o florescimento de nova mentalidade econômica, que fez do fazendeiro paulista um legítimo representante do espírito capitalista inerente à exploração econômica de produtos agrícolas tropicais (o que se exemplifica com a expansão do Oeste Paulista); a desagregação do regime servil e a implantação do trabalho agrícola livre; a imigração e a ascensão social dos imigrantes; a mobilidade de populações, com seus reflexos no desbravamento do “sertão” e na fundação de cidades; a diferenciação de nosso sistema comercial e bancário bem como a concentração das riquezas e a reaplicação de capitais fora da lavoura. Mesmo um fenômeno como a transformação de São Paulo em comunidade urbana e em metrópole liga-se, diretamente, a conseqüências produzidas

pelo surto econômico cafeeiro. Pois foi a expansão do Oeste Paulista que fez da cidade de São Paulo o centro econômico de vasta região produtiva.

E' preciso salientar, porém, que em cada caso ou em cada uma dessas conexões o café não conta com tal. Não foi o café que deu origem a êste ou àquêle efeito. O fator dinâmico, propriamente dito, está nas condições de sua elaboração em elemento básico de nossa economia tropical. Vendo-se as coisas dêste ângulo, o café se apresenta como uma das peças de engrenagens mais complicadas. Tomemos, com exemplo, a mobilidade horizontal de populações: é ela um efeito puro e simples da "sêde" ou da "ânsia" do café por "terras virgens"? Está claro que não. Êsse efeito prende-se a um conjunto maior de determinações, em que se deve ter em conta a disponibilidade de terras virgens, o custo da mão de obra agrícola, o ritmo da procura, os lucros assegurados pela venda do produto, etc. Essas determinações é que pesaram, de modo específico, na preservação e na aplicação de técnicas agrícolas rudimentares, que tornaram o café uma planta migrante e fizeram o homem caminhar atrás dela. Mas, êle é uma peça constante, que está sempre presente nos processos econômicos ligados à conquista e à ocupação da terra pelo homem. Daí o seu caráter de influência universal, como condição material que se repete, inevitavelmente, mesmo através de flutuações na organização da vida econômica.

Desta perspectiva, é fácil perceber que o café não é um episódio do passado, na evolução de São Paulo. A influência do café tem preocupado os geógrafos, os historiadores e os sociólogos mais em têrmos de "realidade vivida": o que aconteceu no Vale do Paraíba, no Oeste Paulista, nas **zonas pioneiras**, graças às riquezas e às oportunidades criadas pela exploração do café? Êsse tipo de análise **ex eventu** dá-nos a possibilidade de acompanhar todo o ciclo "natural" percorrido pelas famílias, pelas cidades e pelas regiões **enriquecidas** com o café. A prosperidade traz consigo a importação de um nível de vida que, com freqüência, não pode ser mantido após a evasão da planta para outras áreas. Ou, então, ela representa o início de novos empreendimentos: nas zonas rurais, da criação ou da policultura; nas zonas urbanas, do comércio e da industrialização. De um lado, temos a alternativa representada pelas "cidades mortas"; de outro, parte da explicação do crescimento de cidades como São Paulo, Campinas, Marília, etc. Também os homens de ação vêem os processos sociais e econômicos dêsse ângulo, o que os leva a ter pouca confiança no futuro de São Paulo. Pa-

rece-lhes que o café, como fonte de riqueza, está com os dias contados.

Ora, a maior lição que se pode tirar de uma análise evolutiva consiste em que o café revela grande plasticidade de adaptação a diferentes regimes de exploração econômica. Em geral, pensa-se que êle foi explorado com sucesso por causa da combinação do latifúndio à lavoura devastadora, o que permitia a migração do homem e a reconstrução das plantações em outras áreas. O que aconteceu no Norte do Paraná veio demonstrar que é possível obter sucesso independentemente de uma dessas condições (o latifúndio); o que está ocorrendo em áreas previamente esgotadas (tanto no Vale do Paraíba, quanto no Oeste Paulista), demonstra que aquela combinação constituia o produto de uma tecnologia agrícola deficiente, incapaz de assegurar a restauração do equilíbrio na natureza pelo homem. Ambos os tipos de experiência sugerem, definitivamente, que a importância econômica do café não deve ser vista como algo do passado.

Essa conclusão não é destituída de significação. Ela indica que o café continuará a ser produzido em terras paulistas, seja para exportação, seja para o consumo interno. O seu papel como substrato da vida econômica e social, todavia, terá que se alterar substancialmente. Deixando de ser o fulcro das atividades econômicas produtivas, perderá concomitantemente a antiga influência ativa, que o convertia em denominador e foco de crescimento de uma civilização. Processo similar afetou a posição de outros produtos na evolução da economia brasileira. Contudo, como escreve Roger Bastide, “o reino do café ainda não terminou” (1), já que dêle depende o equilíbrio econômico e financeiro do Brasil. Em outras palavras, isso quer dizer que ainda não se encerrou a fase das influências socialmente construtivas do café. Se êle não oferece mais a motivação do comportamento, em troca, fornece grande parte dos recursos que alimentam a formação da civilização industrial em São Paulo. Mesmo que esta venha a ser a sua derradeira manifestação como fator histórico-social, está fora de qualquer dúvida que ela será rica de conseqüências para o futuro da sociedade brasileira.

FLORESTAN FERNANDES

Professor da Cadeira de Soc'ologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(1). — R. Bastide, *Brésil. Terre des Contrastes*, Hachette, Paris, 1957, p. 172.